

A Modernidade Fragmentada – A descontinuidade discursiva

Por Geórgia P. Alves¹

Resumo: Este artigo problematiza a ideia de “fragmento essencial” na construção da Literatura Brasileira, supondo ser a colagem das Naturezas, da diversidade dos povos e a busca por uma forma aberta a partir das linguagens que nos constituem nossa busca na arte literária. Analisa uma leitura possível da Modernidade surgida a partir da Semana de 22. Propondo a existência razoável de sistema em consonância à pluralidade das forças originárias.

Palavras-chave: Modernismos; Modernismos Brasileiros; Fragmentação; Modernidade

Abstract: This article problematizes the idea of "essential fragment" in the construction of Brazilian Literature, assuming that it is the collage of natures, the diversity of peoples and looking for the open form besides the languages that constitute what we surching for in Literature. Analyzing a possible reading of Modernity arising from the week of 22, in a plural way. Propose the reasonable existence of a system in line with the plurality of the original forces.

Keywords: Modernisms; Brazilian Modernisms; Fragmentation; Modernity

Se a Arte enquanto criação humana, parte da Natureza e da recriação desta, ou nasce pelo que se extrai do mundo à volta e é entregue como parte do humano, seja consciente ou inconscientemente, de modo sensível ou racional, de si mesmo, como encontrar a obra de Arte em consonância com os tempos que se espera pós-modernos? Como abarcar uma composição de fragmentos estéticos que nos reúnam, mesmo que à posteriori, como na proposta forma aberta de Theodor Adorno? Afinal, o que é a Modernidade em tempos pós-modernos?

¹ Mestra em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora de Arte da Rede Pública (ETE), em tempo integral. Autora dos livros: Reflexo dos Górgias, Filosofia da Sede e A caixa-preta. Participa de antologias publicadas no Brasil e em Portugal | Recife de Amores e Sombras e Cronistas de Pernambuco. Orienta pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, projeto de Ana Geórgia Nunes sobre um outro olhar para “Uma breve História da Literatura Brasileira”, revisão do período chamado Quinhentismo no Brasil.

Precisamos nos perguntar se um dia estaremos no mundo *pós-moderno*, antes que o mundo material que resta vire pó. Antes de mais nada é preciso entender vários Modernismos. Ou um Modernismo Vário, como escreveu Manuel Bandeira em “Os sapos”. Caso contrário, ao invés de fragmento e composição da obra aberta proposta por Theodor Adorno ou Umberto Eco estaríamos confinados em fronteiras cada vez mais rígidas a outros muros erguidos pelas crenças.

Como falar em pós se há, neste momento, formação de guerra na fronteira entre Rússia e Ucrânia? Se pessoas morrem de fome? Se são devastadas pelas forças da Natureza em diferentes partes do país e do mundo? Se somos cada vez mais forçados a rever o Mito de Sísifo, se configurar em diferentes classes sociais. O que extrair da obra de autoria de Albert Camus, se a pedra vista como algo infeliz o devorou em uma morte absurda? A pedra é parte de Sísifo arrolada diariamente.

Para George Didi-Huberman, a obra de arte é um objeto finito cheio de infinitos. E soar de início contraditório é para nós o lugar do conceito provável de modernidade. É nisto que acreditamos, e veremos até o final do exposto se se confirma pela força dialética. Onde o fragmento exposto, reunido forme um todo.

Recuperemos duas (ou mais) ideias primordiais para tratar de Modernidade:

Primeiro, o conceito de materialidade e universalidade das formas, proposto por Baruch Spinoza (*Deus size Nature*), onde em cada ser, cada elemento, reúne ao todo. A pergunta de Victor Frankstein, pela insurgência do gênero de ficção científica, ao expor ideias iluministas que levarão à criação de Adam, o Prometeu Moderno, caíram em desuso depois da ovelha Dolly.

Adam, cujo nome soa como o da criatura feita do barro divino e mãos divinas, é feito à imagem e semelhança do que restou da jovem Mary Shelley, aos 21 anos, da convivência com os poetas românticos Percy Shelley e Byron, estuda a exterioridade dos costumes, ainda que propondo inovar em valores.

Ao entregar seu corpo virgem, longe dos rituais sagrados, em união com Percy - que tinha abandonado esposa e filha, vive a estranha aproximação com a irmã de Mary, enquanto estava grávida – é Mary, na ausência de Percy, que segura nas mãos frias a filha morta.

As mesmas mãos buscaram aprendizado nos livros da biblioteca da mãe – autora dos primeiros escritos feministas a reivindicar o direito ao voto feminino – livros do pai, que abriu suas portas para o arguto autor-aluno que a faria fugir dali. Em sua forma composta de restos humanos, corpos distintos, Adam não apenas demarcou o insurgente caminho da Literatura Universal, de flertar com o deus morto de Nietzsche e mais contemporaneamente de um Albert Camus.

Com Mersault, tão estrangeiro e alheio a tudo e si mesmo, inclusive os últimos laços afetivos, à mãe morta e à bela Marie, a quem jamais pensou em se comprometer de forma profunda e cúmplice. Com quatro mil e quatrocentas cópias vendidas durante ocupação Nazista na França, Camus viajou ao Brasil, esteve em Recife, fortalecendo laços a lugares mais longínquos que o pudessem exilar no estranho.

Ao alcançar o reconhecimento e sucesso em todo mundo com a tradução de seu romance em línguas estrangeiras e afeitas à sua origem como também adaptado para o cinema italiano e turco. Nos estudos de Iniciação à Estética de um ponto de vista essencialmente brasileiro do dramaturgo Ariano Suassuna é de que fazer Arte é nascer duas vezes pelas forças da Natureza. Um pensamento em contradição com o de Erwin Panofsky que acredita ser o fazer da Arte se afastar da Natureza.

Voltando ao romance de Mary Shelley e seu Frankstein os dois teóricos teriam suas razões. Do ponto de vista de Ariano, a possibilidade mesma de Adam ser criado requer não sobrenatural, e sim a inferência de pedaços de carne humana que recebem descarga elétrica. Finamente costurado e remontado o gênio de Victor, cientista criado por Shelley, refaz sua frieza e desempatia com o mundo, com as mãos.

Da perspectiva de empatia de seus leitores que reconheceram mesmo a voz feminina de Mary que pode, por este motivo, a repercussão de sua criação, assinar o livro, direito que não era dado ao gênero. Do ponto de vista de Erwin, há, sem dúvidas, um afastamento da condição de fecundação e surgimento da matéria humana de modo natural. Fabricado laboratório Adam é o radical distanciamento das leis de Deus. Ao mesmo tempo da distância dos homens. Daquilo que acreditávamos ser o sopro divino para além do mundo real, capaz de nos dar a vida. G.H. comendo a barata!

Propor vários Modernismos Brasileiros, que contemplem diversidades, reconheçam partes e a partir delas a reunião do todo. Enxergar Sísifo em condição - como sujeito feliz em sua existência apregoada – reunido à pedra. Encontrar na imagem da pedra em movimento pelo gesto humano, a unidade de Sísifo. Sísifo e sua pedra são uma coisa só!

De novo estaríamos rendendo direito ao pensamento de Espinosa, que Ariano em parte recusava, de que toda matéria que há no universo retorna à condição de matéria e unidade. Tudo que existe, reservadas as naturezas e materialidades, é uno.

A Literatura em seus diferentes períodos nos ofereceu uma visão do particular e do universal, o todo nas várias partes somadas e enquanto busca de unidade, a exemplo do extensivo trabalho de narrativas conhecidas no gênero conto, dos Irmãos Albert e Wilhelm Grimm. A Modernidade não é senão também a negação da essência.

A ideia de uma hegemonia, de uma nacionalidade que expulsa as demais. Uma versão única e vinculada às origens de povos que se diriam atrelados por às divindades possíveis cultivadas pela nação francesa que invadia os territórios e vilas germânicas.

O uno sempre esteve presente na filosofia do belo. Se o verbo inicialmente se fez, desde Abraão e Moisés ou ainda em períodos da escrita pictórica para demonstrar uma unidade de signos com significados, devemos ver no gesto de Mary Shelley, e sua pedra fundante do romance moderno, uma conexão com o Sísifo de Albert Camus.

Deveríamos flunar sobre o tapete constituído de retalhos não fosse o peso da afirmação de cada nacionalidade e cultura em nossa constituição literária. As Belas Letras, anterior aos Modernos não eram senão uma superficialidade da pele do Mersault, do Albert Camus. Feito da matéria prima das palavras “mãe” e “sal”.

Os Modernismos Brasileiros esgarçam o tecido por onde a alma encontraria sua passagem e expressão. É na cisão do mundo feito pelo homem com o que lhe havia de mais unísono, a própria existência enquanto parte do mundo feito da própria Natureza, que a Estética Modernista passa a existir. Ainda que a crítica busque na base originária e atribua vinculações primevas à Paulicéia, há a cada verso de Oswald de Andrade, outro de Manuel Bandeira.

A cada quadro de Anita Malfatti e Tarsila do Amaral ou intervenção de Raul Bopp ou dos movimentos sociais insurgentes que contribuiriam décadas depois para a formação de uma artista como Tereza Costa Rêgo que demonstra quanto somos fragmentos reunidos ou deveríamos ser vistos como partes e como todo. Como indivíduos, expressões e conagração de uma língua comum. Da territorialidade.

Para Gilles Deleuze é a palavra o território a ser ocupado por um determinado povo. Uma língua guarda a forma, a norma e as estésias somente experimentadas pela mesma cultura. O que me desagrade é o que nega tais essências constitutivas de uma mesma condição.

Para Erwin Panofsky, professor em Hamburgo, Alemanha, nascido em Hânover (1892), o problema da Arte enquanto sistema (Candido) é o processo de afastamento do humano de sua Natureza e essencialidade, a sua busca original não está vinculada à Natureza, enquanto retorno, como previa Ariano Suassuna, mas como afastamento.

A discordância fundante do movimento de retração ou expansão, vínculo ou negação (niilismo) não poderiam ser resumidas tão formalmente sem que nos perdêssemos nos emaranhados que envolveram, por exemplo, a experiência da escola Bauhaus, em Weimer, 1919. Há toda uma Historiografia que confirma que somente nas oscilações entre opiniões racionalistas e estésicas, sensíveis, - verteríamos mais mil páginas de Descartes a Espinosa, Groupius e Hermilo Borba Filo.

Desde Immanuel Kant e o gesto de preservação do gesto humano diante de outra forma semelhante, o imperativo categórico da escolha, do arbítrio pela afirmação não do que verá como natureza, ou bem e mal, para citar apenas Rousseau, sobretudo no volitivo, o que impera da vontade e construção racional na busca de preservação das estésias do que considerava Belo.

Jung, Freud, Clarice Lispector. De Chirico e Marc Chagall. Uma lista infinita de obras e fortuna crítica literária para entender uma linha, um itinerário em conexão de legados que, se vistos pela Teoria da Formatividade, enquanto matéria entregue por resultado de ofício, veríamos que nenhum dos teóricos, em busca da sincronidade no campo do etéreo e do abstrato, o *sfumatto* do inconsciente ou subconsciente, contrapõem o pensamento panofskiano.

A questão da Filosofia continuam sendo a negação dos direitos à vida, o ímpeto da usurar o outro, promover a morte, a necrofilia, o fascismo, a desigualdade, o escalonamento que motiva a busca e, ao mesmo tempo, oprime outros.

Um novo mundo não é possível na igualdade planejada, mas também não o é para uma Literatura sem força diante da tradição. Contrapor o cânone na confirmação da técnica, do uso de princípios estéticos, éticos e inclusivos, sem que para isso se apele à violenta forma de seleção que chamaríamos de “natural”. Onde o mais adaptável prevalece. Desde que o mais adaptável entre os mais fortes.

Os modernos buscaram o campo mais radical e contraditório para auxiliar a transformação. Pela afirmação do que escapou pelas brechas dos academicismos, neoclassicismos, tudo que antes foram objetos de estudos rejeitados. Para dizer de uma forma simplificada, como explicar ETC..., ETC... (UM LIVRO 100% BRASILEIRO) feito de textos extraídos da obra de Blaiser Cendrars. Autor francês, Cendrars seria então o cem por cento brasileiro no campo proposto pelos modernistas?

Apenas sua ironia e contradição confirmariam a regra. O filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin mostra essa contradição do fragmento que resta em toda sua ruptura. O desempregado personagem Carlito reflete a exclusão que sentimos, o estrangeirismo em nós mesmos, obrigados a nos mostrar fortes e competitivos, excluindo para não sermos excluídos. As novas regras impostas pelo capitalismo que usurpa direitos.

Expõe as pessoas à fragilidade dos laços. Da insegurança diante do enfraquecimento dos sindicatos e das leis trabalhistas. A uberização, a iphudização, a tiktokização do nosso consumo de imagens antes belas e gigantes diante da tela de cinema.

Nossas emoções também superficiais e uma colagem de quem fomos. A forma reativa de Carlitos à exploração humana pelas fábricas, às inúmeras tentativas de fuga para viver momentos sublimes ao lado da órfã, pobre também tentando sobreviver. Personagem que mesmo alheio à manifestação será, obviamente, tomado como cúmplice pela realização do protesto por sua presença no local de uma manifestação contra os patrões.

Essa lógica de atribuir a este ou aquele político conquistas históricas de trabalhadores e trabalhadoras que, a exemplo dos professores e professoras, depois de uma lei criada e exaustivamente planejada em 2008, prevista para ser cumprida nestes anos de 2014 a 2024. O que a reunião destes fragmentos reforça a não alteridade.

A forma de interromper fluxos de vida, de contexto que cabe tão somente à vida humana em sua completude. De um povo vivendo sua Arte e Cultura. Como Nivaldo Tenório em seu livro de contos, *Verão*. Um Míchkin versus Raskónikov, absolutamente vitorioso no ambiente das redes sociais. Uma busca de fragmento que aprendeu a apagar incêndios, na luta como a destruição de Colosso. Uma busca por ser um, e diverso.

Em diversidade e, eventualmente, unidade artística, estética, histórica.

São contradições que precisam ser observadas inclusive na forma de convocar estudos sobre a Semana de 1922, realizada nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro daquele início do século vinte tão recheado de revoluções e conflitos. Os modernismos entregavam um futuro previsto como cidades hipermodernas, de carros voadores e esteiras rolantes, robôs serviçais. Outrora não compreendiam que nossas contradições implicam em mortes por inanição. Posta a nem tão surpreendente pandemia que nos ameaçou naquele único recurso pelo qual ainda não éramos obrigados a desembolsar dinheiro para ter acesso.

O ar.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura*. Organização da edição alemã: Rolf Tiedmann. 1ª. Edição, 2003. Livraria Duas Cidades Ltda. Editora 34.

AMARAL, Aracy A., *Artes plásticas na Semana de 22/ Aracy A. Amaral*; 5ª. Edição, revista e ampliada. – São Paulo: Editora 34, 2021 (7ª. Edição).

CENDRAS – Blaise. *Etc..., Etc... (Um livro 100% brasileiro)*. Seleção de textos: Teresa Thiériot. Coleção Debates. Dirigida por J. Guinsburg. Extraídos das Obras Completas de Blaise Cendrars. Paris. Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. Perspectiva, 1976.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. 1ª. Edição. Editora Brasiliense. São Paulo. 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges, *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da Arte*. 1ª. Edição – 2013 (2ª. Reimpressão – 2017). 34, São Paulo.

ECO, Umberto. *A definição da Arte*. Tradução de Eliana Aguiar. – 3ª. Edição – Rio de Janeiro: Record, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.: romance* – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

TENÓRIO, Nivaldo. *Verão*. Contos brasileiros. – Recife: CEPE Editora, 2022.